

APRESENTAÇÃO

O tema hibridismo, tão em voga na crítica literária contemporânea e nas pesquisas desenvolvidas na área de Estudos Literários, durante as últimas décadas, sempre foi primordial quando se tem por objetivo analisar a questão dos gêneros literários, como se evidencia pelos assuntos tratados nos ensaios que compõem o número 26 da revista *Itinerários*, cujo eixo temático é “Gêneros Literários: Formas Híbridas”.

Obedecendo a uma ordem cronológica, a organização do volume ressalta a presença do fenômeno em diferentes épocas da História Literária, desde a Antiguidade Clássica até a produção mais recente.

O ensaio de Zélia de Almeida Cardoso, “O *Anfitrião*, de Plauto: uma tragicomédia?”, demonstra como a peça em questão afasta-se das demais assinadas pelo mesmo dramaturgo, por explorar um tema mitológico e, sobretudo, por apresentar características de tragicomédia – personagens que pertencem à nobreza e à classe servil, ação dramática com momentos de grande comicidade, que se alternam com conflitos pessoais, linguagem trabalhada em diversos níveis – características analisadas com pertinente perspicácia e acurada competência pela autora.

Joana Luiza Muylaert detém-se em seu objeto de paixão, *Memórias do Subsolo* (1864), de Fiódor M. Dostoiévski (1821-1881), para entranhar-se nos intrincados paradoxos apresentados pelo narrador, que conduzem o leitor a refletir acerca de questões como a representação das memórias escritas como antiliteratura, a ambivalência de seu modo narrativo, o apagamento deliberado e explícito do autor como “pai do texto”.

Norma Domingos analisa o conto “*Fleurs de Ténèbres*” publicado na obra *Contes Cruels* (1883) de Villiers de l’Isle-Adam (1838-1889), destacando elementos que permitem apontar relações de aproximação com os poemas em prosa “*La corde*” e “*Le tir et le cimetière*”, de Charles Baudelaire (1821-1867), tanto no que diz respeito a procedimentos estilísticos, quanto ao idealismo filosófico.

Raul de Souza Püschel focaliza o processo textual híbrido que fundamenta a ousada criação poética de Stephane Mallarmé (1842-1898), principalmente em suas obras mais experimentais, analisando alguns sonetos que já antecipam, com o estilhecimento sintático, a fragmentação tipográfica posterior de *Un Coup de Dés* (1897) e o projeto que não chegou a vingar de *Le livre*.

Roberto Daud analisa *O Livro de Cesário Verde* (1887), buscando fazer uma comparação entre o poeta (1855-1886) e o mais prestigiado romancista de seu período, Eça de Queirós. Com base nessa leitura comparada, o autor enfatiza as particularidades da obra poética de Cesário Verde em relação ao seu período e demonstra sua afinidade com a prosa oitocentista.

Fani Miranda Tabak explora a tensão entre os gêneros, verificada no livro de Virginia Woolf (1882-1941), *To the Lighthouse* (1927), tensão que acaba por gerar um texto fronteiro, a que Ralph Freedman chamou “*lyrical novel*” e Jean-Yves Tadié “*récit poétique*”, conforme assinala a autora. O objetivo do ensaio é demonstrar como as práticas híbridas adotadas pela escritora inglesa representam a construção de uma identidade literária inovadora, que dá início a uma forma de percepção do mundo calcada na multiplicidade do eu.

Jéssica Aracelli Rocha demonstra como Jorge Luís Borges (1899-1986), que inicia sua carreira literária como crítico, poeta e ensaísta, radicaliza a questão das formas híbridas. A autora estuda dois ensaios do escritor argentino tomando-os como momentos fundamentais para a gênese de sua ficção que “já nasce híbrida”.

“Autobiografia em Murilo Mendes – uma leitura”, de Raquel Rolando Souza, apresenta a narrativa autobiográfica *A Idade do Serrote* (1968), com base em certos elementos composicionais presentes na obra poética do escritor mineiro (1901-1975), para enfatizar como a sua escrita subverte paradigmas do gênero em questão.

Semelhante subversão é detectada por Luiz Carlos Simon na análise que realiza de dois textos do cronista Rubem Braga (1913-1901), que elegem cadernos de endereços como motivos para o aproveitamento do prosaico e sua transformação em poético. A leitura proposta pelo autor compara seus objetos de estudo com escritos de outros cronistas e com outros gêneros, além de fundamentar-se, também, em teorizações sobre crônica e discussões sobre literariedade.

O texto assinado por Karina Marize Vitagliano e Sônia Helena de Oliveira Raymundo Piteri explora as potencialidades da escrita no conto “Os Corpos Cercados”, inserido em *Os Pregos na Erva* (1962), de Maria Gabriela Llansol (1931). As autoras analisam as potencialidades poéticas que emergem das “cenas fulgor” (expressão da própria Llansol), enfatizando como o aspecto híbrido do conto desloca a narratividade para a textualidade e demonstrando como o espaço textual sugere um campo de concentração que sobrepõe corpos, sons, ritmo e imagens.

Érica Milaneze mostra que a literatura contemporânea expressa o rompimento das fronteiras entre a cultura erudita e a cultura de massa ou comercial, criando formas híbridas que convivem no interior do texto, como ocorre no romance *Voyages de L'Autre Côté* (1975), de Jean-Marie Gustave Le Clézio (1940), em que as canções do *pop rock* embalam as viagens da fada Naja Naja e de seus amigos em busca do “outro lado”.

O artigo de Ana Luiza Silva Camarani e Sylvia Telarolli focaliza o conto “Romance Negro”(1992), de Rubem Fonseca (1925), concentrando-se na questão do duplo sentido que o autor dá à expressão *roman noir*, a qual remete, em literatura, seja ao gênero que se desenvolveu no pré-romantismo inglês da segunda metade do século XVIII, seja a um tipo de romance policial americano do século XX chamado de *noir*. As autoras demonstram como o escritor explora essa dualidade do termo,

para criar uma narrativa híbrida, que mescla dois gêneros: o romance gótico e a narrativa policial.

Ellen Mariany da Silva Dias estuda a integração e a elaboração de textos literários e/ou não-literários feita por Caio Fernando Abreu (1948-1996) para compor seu romance, *Onde andará Dulce Veiga?* (1990). A autora conclui que, por meio da utilização de textos diversos, pertencentes a vários gêneros do discurso, este romance produz uma reflexão metalingüística sobre o próprio ato de sua escrita, bem como das relações entre artista e criação artística no contexto contemporâneo.

No texto “Caligrafias femininas: Mariana e Florbela na Letra de Adília”, Maria Lúcia Dal Farra focaliza quatro livros da poetisa portuguesa Adília Lopes (1960) – *O Marquês de Chamilly (Kabale und Liebe)* (1987), *Clube da Poetisa Morta* (1997), *Florbela Espanca Espanca* (1999), *Regresso de Chamilly* (2000) – analisando a intertextualidade que apresentam, de forma oblíqua e tortuosa, com as obras de Marianna Alcoforado e Florbela Espanca. O estudo demonstra como os expedientes intertextuais tanto podem estar a serviço da mera fruição de um jogo de palavras como podem ter um papel mais contundente de demolição de valores.

Fecha a seção de ensaios deste número o texto de Lílian Lopondo e Kátia Suelotto, que tem por objetivo analisar o romance de José Luís Peixoto (1974), *Nenhum Olhar* (2000). As autoras analisam os principais procedimentos interdiscursivos de que lança mão o escritor e que são responsáveis pelo perfil híbrido de seu texto, construído na tangência entre o discurso religioso e o literário, bem como a tensão entre a ideologia a ele subjacente e a do modelo que lhe serve de guia, que é o texto bíblico.

Na seção de resenhas comparecem dois colaboradores, Paulo César Andrade da Silva e Marcílio Gomes Júnior. O primeiro apresenta o livro *Luuanda* (2007), de Luandino Vieira, enquanto o segundo comenta o livro de Bernardo Carvalho (1960), *O Sol Se Põe em São Paulo* (2007).

Maria Lúcia Outeiro Fernandes
Co-Editora